

# A CRISE DA SOJA ORGÂNICA: A Mudança Nos Produtores

## THE ORGANIC SOYBEANS CRISIS: THE CHANGE IN PRODUCERS

Danieli Simonetti<sup>1</sup>  
Miguel Angelo Perondi<sup>2</sup>

### RESUMO:

Capanema, um polo nacional de produção de soja orgânica está em crise e, a partir da abordagem da Velha Economia Institucional, procura-se perceber quais mudanças ocorreram e levaram os produtores a abandonar a estratégia da produção orgânica. Entre as questões que explicam a crise, essa pesquisa percebeu que o atraso tecnológico da produção orgânica, que a princípio era usual, com o tempo, passou a ser comparativamente mais penoso. A produção orgânica ainda demanda mais de oito horas na lavoura sob o sol, entretanto, os novos pacotes tecnológicos diminuíram a penosidade do trabalho dos sistemas convencionais, uma mudança de hábito que também é impulsionada pela mudança de percepção entre as gerações, pois, os agricultores têm se mantido orgânicos enquanto dispõe de força de trabalho suficiente para manter o hábito. Percebe-se assim, que o principal entrave à produção orgânica é sua pouca praticidade e a inconveniente demanda de trabalho.

**Palavras chave:** Crise na Produção Orgânica. Velha Economia Institucional. Hábito. Força de Trabalho. Mudança institucional.

### ABSTRACT:

The Capanema region, a national hub of organic soy production is in crisis and, from the approach of the Old Institutional Economics, looking to understand what changes occurred and led farmers to abandon the strategy of organic production. Among the issues that explain the crisis, this research found that the technological backwardness of organic production, which at first was usual, over time, has become comparatively more painful. Organic production still takes more than eight hours in the fields under the sun, however, new technological packages decreased the painfulness of the work of conventional systems, a change of habit that is also driven by the change in perception between the generations as farmers have remained as organic

<sup>1</sup> Graduada em Agronomia pela Universidade Tecnológica Federal do Paraná e mestranda em Desenvolvimento Regional pela Universidade Tecnológica Federal do Paraná.

<sup>2</sup> Graduado em Agronomia pela Universidade Federal do Paraná, possui mestrado em Administração pela Universidade Federal de Lavras e Doutorado em Desenvolvimento Rural pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

have enough manpower to maintain the habit. It can be seen therefore that the main obstacle to organic production is a little practicality and inconvenient demand for labor.

**Keywords:** Crisis in Organic Production. Old Institutional Economics. Habit. Workforce. Institutional change.

## INTRODUÇÃO

A produção orgânica apresenta uma crescente demanda mundial, e o Brasil mostra um grande potencial nesse segmento. Para Lima e Marques (2001), a agricultura orgânica vem se expandindo à medida que a sociedade passa a se preocupar mais com a saúde e também com o meio ambiente, preocupação esta que vem crescendo segundo os autores.

O município de Capanema já foi destaque em nível nacional pela produção de grãos (principalmente soja) e açúcar mascavo de forma orgânica, construiu uma imagem histórica de território de produção orgânica e se tornou um grande polo exportador de produtos desse tipo do Brasil. Em 2010 a microrregião contava com mais de 300 famílias no sistema orgânico, sendo uma região de abrangência do Parque Nacional do Iguaçu, usufruiu ainda mais deste segmento de produção orgânica desde 1986 (LADISLAU, 2010).

Os produtos orgânicos vêm ganhando espaço no mercado consumidor, o que aparentemente refletiria num aumento da produção, no entanto, o município de Capanema tem apresentado uma forte diminuição desta forma de produção. A microrregião de Capanema exibiu um crescimento até meados dos anos 2000, seguindo

uma mesma tendência a nível mundial, entretanto, a partir da metade dessa década passou a perder um grande número de seus produtores sem que houvesse uma entrada equivalente de novos interessados. Assim, a microrregião que já comportou várias empresas de comercialização de soja orgânica, tem hoje apenas uma empresa neste ramo instalada em Capanema. Para se viabilizar economicamente, essa empresa procura produção em outras regiões do país, pois a queda brusca no número de produtores, e consequentemente o baixo volume de produção, inviabiliza a estrutura física e de pessoal.

Este artigo se propõe a entender a produção orgânica como uma questão de comportamento, um hábito, em muitos casos, visto como ultrapassado. Para Veblen (1985, p. 19), “a mudança de padrões e pontos de vista é, todavia, gradual; ela raramente resulta na subversão ou total supressão de um ponto de vista aceito no passado”.

Para Berger e Luckmann (2003), são as instituições que controlam a conduta humana, estabelecendo padrões de atuação que levam a uma direção e não a outra oposta, cuja possibilidade também seria possível. As nossas relações sociais são permeadas de instituições, o nosso comportamento é um hábito que atua e modifica as instituições. Analisar a mudança institucional é perceber as diferenças de comportamentos, quais os processos que resultam em mudanças de hábitos, seja optando por um comportamento em detrimento de outro, ou então adaptando as suas condições ao ambiente.

Esta dissertação vem ampliar os estudos sobre a produção orgânica ao tentar perceber as instituições presentes na produção orgânica de soja, quais as mudanças que ocorrem e levam os produtores a uma mudança de

comportamento, neste caso, de deixar a produção orgânica. Para tal, toma-se a abordagem da Velha Economia Institucional, a partir dos pensamentos de Veblen, em que as instituições são consideradas como comportamentos, hábitos mentais e “são ao mesmo tempo, métodos especiais de vida e de relações humanas” (VEBLEN, 1985, p. 109).

Essa abordagem é dinâmica e consegue dar suporte a complexidade da agricultura familiar, objeto deste estudo. Na agricultura familiar, a produção é baseada em laços de parentesco, que atribui tarefas segundo gênero e idade, promovendo uma organização do trabalho diferente dos estabelecimentos essencialmente capitalistas, combinando ação e decisão instantânea (LIMA *et al.*, 1995) que proporciona uma gestão flexível (VEIGA, 1991), extremamente ágil e econômica, sem amarras ao tempo e espaço.

Outro aspecto importante a ser considerado ao trabalhar com a agricultura familiar é considerar a sua tradição, o seu saber fazer. Woortmann (2009) ressalta que para entender o mundo camponês é necessário que se compreenda o mundo através dos seus olhos, ou seja, dentro do sentido que aquilo faz para ele, somente a partir deste esforço se consegue compreender os seus comportamentos e hábitos.

Nesta pesquisa se percebe, de um lado, um mercado consumidor disposto a oferecer uma remuneração diferenciada por produtos orgânicos, entretanto, de outro lado, há agricultores familiares que mesmo sabendo dessa demanda optam por desistir da produção. Assim, pergunta-se: Houve uma alteração na forma como as famílias interpretam e conduzem a produção de soja orgânica? Se houve, quais fatores afetam a permanência ou a desistência da produção orgânica?

Ao adotar um enfoque exploratório e descritivo, para Godoy (1995), o pesquisador deverá estar aberto a suas descobertas, assim, com o intuito de não estabelecer pré-conceitos que interfiram na pesquisa, preferiu-se não partir de uma hipótese de pesquisa definida a priori. Portanto, tem-se o objetivo de: analisar a mudança institucional da produção de soja orgânica na microrregião de Capanema.

Um dos principais pressupostos da abordagem evolucionária é a interação entre os elementos e, ao recomendar uma proposta metodológica institucionalista, Atkinson e Oleson (1996, p. 1 *apud* Agne, 2014, p. 62) destacam sete elementos para a investigação,

[...] (1) nortear a pesquisa através da formulação de uma questão, não de um axioma; (2) analisar o comportamento humano a partir das suas intenções/objetivos; (3) reconhecer que os fatos são resultados do processo histórico e de mudança cumulativa; (4) pressupor que instituições e comportamento humano estejam enraizados em relações de causa e efeito; (5) utilizar a proposta holística para entender a história; (6) entender que a evolução é um processo de seleção, em que fatores desconhecidos modificam hábitos de pensamento e comportamento dos indivíduos e (7) compreender que o conflito e a negociação são pertinentes como elementos de análise do processo de evolução das instituições.

As instituições e a interação entre os elementos possuem características específicas, implicando em particularidades, a região de Capanema sempre teve uma forte atuação nos movimentos sociais, bem como, uma participação ativa na Revolta de 57<sup>3</sup>. Muitos dos líderes da macrorregião Sudoeste

<sup>3</sup> Movimento deflagrado na região devido ao conflito de agricultores “posseiros” com uma empresa

do Paraná tem sua formação nos debates gerados no município de Capanema.

Para a pesquisa exploratória, foram entrevistados cinco interlocutores históricos da produção orgânica na região de Capanema, denominados aqui de “colaboradores”, e na pesquisa de campo propriamente dita, foram realizadas outras 10 entrevistas, com produtores orgânicos e convencionais.

A escolha das famílias ocorreu de forma não aleatória e teve como critério a conveniência e distribuição geográfica, essa técnica de amostragem é comum nas pesquisas qualitativas. Inicialmente foram entrevistados produtores conhecidos e a partir destes e de indicações de pessoas-chaves foi-se definindo a amostra.

Durante as entrevistas foi utilizado um questionário semiestruturado, adaptado de Agne (2014), direcionado aos agricultores explorando sua vinculação com o meio rural agrícola e a produção orgânica. Também foi utilizado um questionário estruturado, adaptado de Simonetti, Perondi e Villwock (2014), para obter informações do estabelecimento e da família.

A técnica de observação combinada com a entrevista tem um papel essencial na pesquisa social (GODOY, 1995). As entrevistas realizadas também tiveram como enfoque a observação, sendo gravadas, em concordância com o entrevistado, a fim de não gerar desvios de atenção na tentativa de anotar integralmente as informações no momento. Entretanto Yin (2001, p. 94) alerta que o fato de gravar a entrevista, não “substitui o ato de ‘ouvir’ atentamente o entrevistado durante o curso da entrevista”.

As entrevistas foram transcritas de forma integral e ordenadas a partir da lógica a ser apresentada no trabalho. Ao serem

---

de venda de terras. Para mais detalhes ler Lazier (1986) e Martins (1990).

alocadas no texto, as citações foram corrigidas, ou seja, foram retirados os vícios de linguagem e as palavras repetidas, quando estas não mudavam o sentido da frase. Quando houve a junção, ou o corte de alguma fala entre as frases, foi utilizado como padrão as reticências entre colchetes, “[...]”. Havendo a necessidade de complemento nas transcrições as mesmas serão apresentadas entre colchetes “[ ]”.

## 1. A ABORDAGEM TEÓRICA DO INSTITUCIONAL

As instituições fazem parte da nossa sociedade, e podem ter várias interpretações. Podem ser compreendidas como as regras que seguimos, sejam elas formais, como as leis; ou informais, como acordos verbais; ou totalmente implícitas nas relações sociais como, por exemplo, a confiança. Quando confiamos em alguém está implícito que se acredita não ser necessário recorrer a justiça para fazer valer um contrato formal ou informal, e aceitamos a sua palavra sem que haja um registro formal de contrato.

Para Hodgson (2006), as instituições tanto constroem como também ativam comportamentos, as restrições impostas pelas regras podem abrir possibilidades, permitindo escolhas e ações que de outra forma não seriam possíveis. O autor também acredita que as instituições permitem um pensamento ordenado e coerente nas atividades humanas, elas dependem dos pensamentos e atividades dos indivíduos, mas não podem ser reduzidas a eles.

Não há como separar indivíduo e instituição, um depende do outro. As instituições devem ser compartilhadas. Para Berger e Luckmann (2003, p. 79), “elas são acessíveis a

todos os membros do grupo social particular em questão, e a própria instituição tipifica os atores individuais assim como as ações individuais”. Os autores também ressaltam que é importante conhecer o processo histórico da instituição, como foi o processo de institucionalização, não é possível conhecer de forma adequada uma instituição sem compreender o seu processo de formação e interações.

O uso do termo “instituições” é cada vez mais recorrente nas ciências sociais. A definição de instituições não é única, há várias correntes de interpretação, sendo também relacionada á hábitos de pensamento e de comportamento e também no sentido de uma organização. Silva (2010, p. 290) afirma que a “definição do institucionalismo não é propriamente muito clara no conjunto das ciências sociais”. Não há um consenso no conceito de “instituição”. Contudo os diferentes conceitos não são totalmente divergentes, mas há um aprofundamento em determinado aspecto de acordo com o propósito a ser trabalhado, este foco resulta no lapso de outros aspectos.

Na escola institucional, é interessante observar que alguns autores apontam para uma divisão entre o Novo e o Velho Institucionalismo. De forma sucinta o Velho Institucionalismo traz uma abordagem mais generalista dos fatos, com certa interdisciplinaridade e os Novos atuam de forma mais funcionalista, ou seja, na economia, não rompendo com a ideia de maximização e equilíbrio, ou na ciência política e sociologia, com a ideia da escolha racional.(BASTOS; GOMES, 2006).

Agne (2014) não vê na literatura a possibilidade de um diálogo entre as duas perspectivas, mas, corrobora que todos os trabalhos recebem influência de Thorstein Veblen. Entender as instituições

é “compreender a forma como os atores dão sentido às suas atividades e as maneiras como os indivíduos constroem suas interpretações e condutas” (AGNE, 2014, p. 390).

No velho institucionalismo a economia é dinâmica, as suas atividades estão em constante evolução e são influenciadas por comportamentos tanto individual como coletivo, comportamentos estes que constituem as instituições (AGNE, 2014). Veblen (1985) vê as instituições como hábitos de pensamentos e comportamentos dos indivíduos que não somente restringem, mas também reproduzem comportamentos.

Para Veblen (1985, p. 110),

As instituições – o que vale dizer, os hábitos mentais sob a orientação das quais os homens vivem são, por assim dizer, herdadas de uma época anterior; época mais ou menos remota, mas, em qualquer caso elaboradas no passado e dele herdadas. As instituições são o produto de processos passados, adaptados a circunstâncias passadas, e por conseguinte nunca estão de pleno acordo com as exigências do presente.

É com o intuito de compreender os comportamentos que são replicados e aqueles que são de acordo com o problema de pesquisa, que este projeto foca a abordagem a partir de Veblen que possibilita entender os processos de transformação que resultam em novos comportamentos a partir de mudanças do ambiente e interações sociais em diferentes níveis (AGNES, 2014).

O contexto social está diretamente envolvido com o desenvolvimento das instituições, assim as relações sociais resultantes de relações de confiança e reciprocidade são vitais para um melhor desenvolvimento, e possuem muito mais chances de serem

eficazes. Silva (2010) considera importante para a teoria do institucionalismo vebleniano entender os conceitos de instintos, hábitos de pensamento e instituições. O conceito de instinto não está ligado somente a definição biológica que conduz a natureza humana, mas vai além dela, ampliando para os componentes sócio-históricos. O conceito de hábitos, segundo Silva (2010), deriva do conceito vebleniano de instinto, “em Veblen, o hábito aparece como solução para se transpor o caminho da disposição instintiva para a instituição” (SILVA, 2010, p. 298). Os “hábitos de pensamento resultam dos hábitos de vida” (VEBLEN, 1968, p. 38 *apud* SILVA, 2010, p. 298), dos comportamentos.

Os hábitos de vida podem ser interpretados como os comportamentos, que podem ser incorporados de tal forma que “os indivíduos refletem tais práticas como naturais, intemporais ou mesmo necessárias” (SILVA, 2010, p. 298). O autor ainda afirma que

o hábito, uma vez consagrado socialmente, cristaliza-se de modo quase inabalável. Mesmo que o indivíduo não faça ideia de sua origem ou de sua aplicabilidade, o hábito pode persistir sem que ninguém ou nada o altere. Dessa forma, o sujeito está subordinado a imperativos que, no mais das vezes, fogem ao seu controle.

Hodgson corrobora e afirma que os hábitos se “repetem porque o custo que implica mudá-los é considerado demasiado alto” (HODGSON, 1994, p. 127). O hábito é a disposição de se engajar em comportamentos ou pensamentos que foram anteriormente adotados ou adquiridos (HODGSON, 2006). Ter um hábito não significa utilizá-lo o tempo

todo. Mas é o comportamento manifesto a única forma de se observar as instituições.

Veblen define as instituições como hábitos de pensamentos, os quais resultam dos hábitos de vida. Assim “a instituição serve para balizar a ação dos indivíduos em meio a coletividade” (SILVA, 2010, p. 304). Para Hodgson (1994, p. 126) “é precisamente em torno das instituições sociais que, em grande medida, se organiza o conteúdo do interesse próprio”.

Para Veblen (1985, p. 109),

o progresso que se fez e que se vai fazendo nas instituições humanas e no caráter humano, pode ser considerado, de um modo geral, uma seleção natural dos hábitos mentais mais aptos e um processo de adaptação forçada dos indivíduos a um ambiente que vem mudando progressivamente mediante o desenvolvimento da comunidade e a mudança das instituições sob as quais o homem vive.

Para Agne (2014), Veblen deixa claro que é o dinamismo e a complexidade que modificam as instituições. Assim a multiplicidade de interações não provoca uma uniformidade de estratégias, mas aumenta a diversidade de estratégias podendo levar ou não a exclusão de uma atividade, como neste caso, com a produção orgânica de soja.

A variação entre as unidades pode ser a resposta a novas configurações, resultando na dependência da evolução do caminho de cada unidade (HODGSON, 2006). Assim como na evolução biológica, as espécies selecionadas não são necessariamente as mais eficientes, o mesmo pode-se afirmar sobre as instituições, há uma série de aspectos que influenciam, tanto situações passadas, como situações presentes, desta forma esta abordagem se mostra interessante para estudar a mudança institucional da produção de soja

orgânica em Capanema, pois mesmo sujeito aos aspectos econômicos positivos, são diversas as estratégias adotadas pelas famílias, seja na manutenção ou no abandono da atividade.

Compreender a instituição dos agricultores a partir do comportamento de ser ou não orgânica é a escolha deste trabalho para entender a quebra do setor orgânico na microrregião de Capanema apesar de possuir um mercado promissor e atrativo financeiro. Veblen (1985) defende que a mudança nos padrões de vista é gradual, mas que raramente resulta em total supressão do ponto de vista anterior, antes aceito integralmente.

Se produção orgânica partiu de um comportamento usual dos agricultores da região, porque ocorre seu abandono nos dias atuais?

## 2. A PRODUÇÃO DA SOJA ORGÂNICA NA REGIÃO

Segundo o IBGE a microrregião de Capanema é composta pelos municípios: Capanema, Pérola D'Oeste, Ampere, Planalto, Realeza, Santa Izabel do Oeste, Pranchita e Bela Vista da Caroba. Todos esses municípios descendem em parte ou totalmente do município de Capanema, por isso a relação desse município com os demais é muito forte. Ao longo de sua história essa região apresenta uma diversidade de experiências de comercializações agrícolas formadas não apenas pelos agricultores, mas também por ser foco de várias ações de organizações e instituições municipais e regionais (KIYOTA, 1999).

Terrezan e Valarine (2009) afirmaram que a produção orgânica está sendo difundida em todo o mundo e o mercado está receptivo

a estes produtos, o que resultaria em aumento das áreas produtivas e inclusão de novos produtores, os mesmo autores afirmam que hoje a agricultura orgânica brasileira cresce lentamente em comparação ao período de 2000 a 2004 quando houve um salto de 100 para 803 mil hectares de produção. Na microrregião de Capanema esse crescimento é negativo, pois, a partir da metade da década de 2000, ocorre uma queda no número de produtores e não há uma suficiente reposição desses produtores.

Segundo o colaborador 3, em 1993 iniciou um projeto para trabalhar com a agricultura diferenciada no município de Capanema, sem o risco do agrotóxico, e a previsível degradação e contaminação ambiental. Assim, em setembro de 1995, foi formada a Terra Preservada com o intuito de comercializar essa produção de forma diferenciada. Já na compra da primeira safra, foi realizada a exportação para o continente Europeu. A demanda inicial era muito grande.

O fator financeiro é apontado, pelo colaborador 3, como um importante ponto na motivação dos produtores com a produção orgânica. Mas, além dessa motivação, havia um grupo de produtores onde a principal motivação não era econômica, mas produzir um alimento mais saudável para a família e para os consumidores. Havia neste segundo grupo uma preocupação ambiental e com a saúde, pois, não existia o uso do equipamento de proteção individual (EPI), cuidados no preparo de caldas e pulverização, entre outras medidas de segurança, e muitos eram os casos de intoxicação. “Era uma questão desde a cabeça dessas pessoas, eu não quero passar nada na minha lavoura, quero preservar a minha família e quem está consumindo também”, afirma o colaborador 3.

A similaridade das práticas culturais aliada a comercialização diferenciada com o pagamento do prêmio, colaborou com a difusão da produção orgânica na microrregião de Capanema, “Mesmo na agricultura convencional o pessoal usava as capinadeiras para fazer a limpa” (Colaborador 3). Para o colaborador 4, técnico da empresa de comercialização orgânica, a maior remuneração com a produção orgânica poderia significar manter a família no meio rural com uma renda melhor, era uma oportunidade de manter o filho junto ao pai no meio rural.

Capanema se manteve forte na produção orgânica até o ano de 2005, quando o número de produtores a desistir se torna muito superior ao de produtores que passam a iniciar na produção orgânica. Nos primeiros anos de comercialização não eram muitas as exigências, com a entrada das certificadoras, novas exigências, como barreiras e limitação no uso de produtos, batem de frente com a autonomia de decisão dos agricultores.

Com a disseminação dos herbicidas e sua comprovada eficiência no controle de plantas daninhas, os métodos de controle dessas plantas nas práticas permitidas do sistema de produção orgânica começam a ser questionados pela falta de praticidade e elevada demanda do uso da força de trabalho.

Outra mudança que impacta a produção orgânica foi o advento do plantio direto. Paulatinamente, a adoção ou manutenção da condição de produtor orgânico se tornou cada vez mais complicada, principalmente, quanto à tecnologia de controle das ervas daninhas e manejo do solo, em vista de que o plantio direto passou a ser mais viável tecnicamente, e com economia da força de trabalho e maior conservação do solo.

Além das práticas mecânicas, as pragas, antes consideradas secundárias e de baixo dano econômico, como a lagarta e o percevejo, ganham importância e se tornam recorrentes. A utilização de iscas que de início eram suficientes para impedir danos econômicos acabou ficando inviabilizada pelo aumento das infestações provocado pela utilização de soja precoce nas lavouras convencionais do entorno, o que elevou a pressão de infestações nas lavouras orgânicas, que utiliza variedades de ciclo um pouco mais longo.

Com o evento da transgenia, foi criado mais um impasse, apesar de ser uma planta autógama com baixa polinização cruzada, não são raros os casos de contaminação, principalmente, devido ao uso compartilhado de máquinas e equipamentos durante a colheita e o transporte. A colheita se tornou um fator decisivo na produção orgânica, se não realizada com cuidado toda a precaução tomada durante a produção é perdida.

Outro ponto que vem se agravando tanto na produção orgânica como na convencional sem transgenia é o desenvolvimento de novas cultivares e variedades. Para os colaboradores 1 e 3, muitos programas de melhoramento de soja convencional e orgânica foram deixados de lado. Enquanto as novas cultivares transgênicas ganham em produtividade e resistência a doenças e pragas, as convencionais se mantêm estagnadas.

A principal dificuldade enfrentada pelos produtores orgânicos, para Brighenti e Brighenti (2009), é o controle de plantas daninhas, sendo o manejo realizado de forma mecânica, em geral manual. Esse controle mecânico demanda mais força de trabalho, que normalmente é o familiar, para os autores esse é o motivo de muitas desistências de produtores e motivo da não entrada de novos.

O colaborador 4 tem uma visão bastante econômica dos motivos que levam a diminuição da produção. Para ele, o prêmio pago pela saca de soja orgânica deveria ser maior, nos primeiros anos era pago um valor fixo, que representava um aumento de 60 a 80% sobre o convencional. Hoje paga-se uma porcentagem fixa, uma bonificação média de 35%. Ele ressalta, em sua opinião, a necessidade de elevar o pagamento: “hoje para reverter a situação tem que pagar mais, se não pagar mais, não reverte mais!”.

Além das práticas de produção citadas pelos colaboradores até, o Êxodo rural também traz uma preocupação especial à produção orgânica, a baixa disponibilidade de força de trabalho tanto familiar como para contratação é um fenômeno presente em todo o meio rural, no entanto como a produção orgânica usa práticas mecânicas há uma necessidade maior de força de trabalho.

Os fatores apontados neste tópico se referem aos pontos de vista dos colaboradores. No decorrer do trabalho, esses pontos serão também analisados pelos olhos daqueles que realmente colocam em ação (ou não) as práticas da produção orgânica, quais sejam: os agricultores. Outro papel importante neste contexto de pesquisa é assumido pela empresa de comercialização orgânica instalada em Capanema, a GEBANA Brasil.

A microrregião de Capanema já teve várias empresas no segmento de grãos orgânicos, a primeira empresa que se instalou na microrregião foi a “Terra Preservada”. Descontente na empresa um dos funcionários sai e forma a “Agroorgânica”. Devido á questões legais a “TOZZAN”, que antes era cliente da “Terra Preservada”, se une a esta, formando a união “TP&T”. No entanto esta união não se mantém devido a diferenças de planejamento

e direção, separando novamente as empresas, a “Terra Preservada” se desfaz e fica a “TOZZAN” na região. Neste mesmo período a “GAMA”, empresa com sede em Ponta Grossa, se instalou no município de Planalto, a empresa se mantém no mesmo período que a “TOZZAN”, hoje não atua mais na região.

A “GEBANA Suíça” era uma das clientes da “Terra Preservada” e depois da “TOZZAN” e da “GAMA”. Percebendo a inconstância das empresas na região, optou por abrir a GEBANA Brasil juntamente com um engenheiro agrônomo ex-funcionário da Terra Preservada e posteriormente da TOZZAN. Assim, a estrutura da antiga Terra Preservada passou para a GEBANA atualmente. Tanto os agricultores que trabalhavam com a “TOZZAN” como com a “GAMA” passam a comercializar com a “GEBANA Brasil”.

A GEBANA Brasil nasce em setembro de 2002, a partir de ex-funcionários da Terra Preservada e investidores da GEBANA Suíça. No período de instalação da GEBANA Brasil a agricultura orgânica estava em expansão na região, a empresa chegou a contar com a produção de 200 a 250 agricultores somente na microrregião de Capanema. Essa expansão na produção fez com que a empresa investisse em estruturas para alocação e processamento da produção.

Contudo, depois do auge de produção no início dos anos 2000, o número de produtores diminuiu e conseqüentemente o volume de produção. Hoje os agricultores familiares envolvidos na produção de soja orgânica para a empresa não passam de 70 estabelecimentos, sendo em torno de 50 entre as microrregiões de Capanema e Palotina e o restante no Rio Grande do Sul.

Sem um volume mínimo de produção, correspondente à sua capacidade instalada,

a empresa foi ao longo dos anos acumulando dívidas, se tornou normal fechar o ano no vermelho, “Se empatar já é bom, porque nunca teve lucro”, é a afirmação do colaborador 1, gerente agrícola da empresa desde 2011. Em 2012 a GEBANA do Brasil praticamente faliu e somente não fechou porque os compradores se tornaram também investidores da empresa e aceitaram tomar parte das perdas, além de fazer adiantamentos de compras futuras. Com a empresa assumindo o compromisso de se viabilizar, investindo principalmente em novas tecnologias, os investidores aceitaram reduzir o seu capital numa tentativa de capitalizá-la.

A empresa mantém a assistência técnica não voltada para a comercialização de insumos, mas com o intuito de orientação e assistência aos produtores. O colaborador 4 faz a orientação voltada à produção orgânica desde 1995 e sente-se parcialmente responsável pela manutenção desta. A aproximação ocorre com a família do produtor, e não somente com o produtor. É devido a essa aproximação que há por parte do técnico uma cobrança pessoal em não “perder” o produtor.

### **3. FOCO NO COMPORTAMENTO DOS AGRICULTORES**

As unidades familiares são dinâmicas, Friedman (1986) afirma que não tem como ordenar uma tendência cronológica de sua evolução, elas estagnam, avançam no mercado, retrocedem, enfim elas conseguem se adaptar perante as suas condições e as condições do mercado.

Para Chayanov (1974), os camponeses são os criadores de sua própria existência, essa afirmação reforça a sua capacidade de

se adaptar. A possibilidade de adaptar-se ao ambiente é percebida na fala do agricultor 10 quando decide voltar ao meio rural. O agricultor 10 levanta as diferenças entre o urbano e o rural, no primeiro, normalmente, tornar-se-ia um assalariado, com horário e determinadas funções a serem cumpridas, sem muita margem para mudanças. No segundo, na agricultura, tem-se autonomia no trabalho, liberdade para definir as prioridades, horário próprio para realizar as tarefas, é justamente sobre essa autonomia que pesou sua decisão de voltar para o meio rural e ser agricultor.

Os casos estudados tem sua relação com o meio rural vinculada à família, à influência dos pais na infância e adolescência. Começar sua vida na agricultura é influência do meio, que por serem agricultores apreendem esta profissão desde a infância. Percebe-se essa interferência nas falas dos agricultores ao serem questionados desde quando estão na agricultura, ouve-se respostas como: “A vida inteira”; “é de berço”; “desde que eu nasci”, “desde criança”. A influência dos pais é bastante forte, a criação no meio rural é a maior influência para o começo do trabalho agrícola, acabando por moldar o perfil destas pessoas para que sejam agricultores em potencial.

Apesar de toda a influência da criação, a agricultora 8 acredita que há também uma vocação para a atividade, a necessidade de quererem se manter como agricultores. O casal teve a possibilidade de morar na cidade trabalhando na indústria catarinense, mas trocou a casa na cidade pela área que tem hoje no meio rural de Capanema e retornou a atividade agrícola.

Para Veblen (1985, p. 110), “os hábitos mentais dos homens hodiernos tendem a persistir indefinidamente, exceto quando as circunstâncias obrigam a uma mudança”.

Assim ocorre com o comportamento dos agricultores desta pesquisa que descendem de uma família de agricultores e se mantêm como tal. O comportamento é mantido e justificado de diversas maneiras, vocação como no caso do casal de agricultores 8, manutenção da autonomia e gosto pelo trabalho agrícola como no caso 10, ou por ser a condição possível para os padrões na sua juventude.

Embora aparente ser a única opção, ser agricultor é motivo de orgulho e não de arrependimento. O agricultor 2 afirma nunca ter pensado em se mudar para a cidade, e o agricultor 7 afirma gostar “demais” de sua profissão, mostrando que o hábito de ser agricultor se cristalizou nestas pessoas. Como afirma Silva (2010, p. 298), “o sujeito está subordinado a imperativos que, no mais das vezes, fogem ao seu controle”, ser agricultor se tornou uma prática natural. Além da influência herdada dos pais, o ambiente também influencia.

Com exceção dos estabelecimentos 08-conv e 09-conv, a soja representa mais de um terço da receita total dos demais estabelecimentos, e destes representa 50% ou mais da receita em 02-org, 03-org e 07-conv. Considerando somente as receitas de venda agrícola, três agricultores dependem exclusivamente da produção de soja: 02-org 04-org e 07-conv. Os vínculos específicos com a produção orgânica de soja serão tratados a seguir.

### **3.1 A PRODUÇÃO ORGÂNICA DE SOJA**

Enquanto alguns agricultores preferem se manter numa forma de produção mais tradicional, outros agricultores passam a

utilizar os defensivos agrícolas, no entanto, poucos tomam os cuidados necessários para evitar intoxicações e também contaminações ao meio ambiente.

Para o colaborador 3, um dos fatos que estimularam a produção orgânica no município era devido ao fato de que os agricultores já produziam quase que de maneira orgânica, mas vendiam sem qualquer agregação de valor.

A instituição depende do indivíduo. Veblen (1985) e Hogdson (2006) afirmam que essa inter-relação tanto pode coagir comportamentos como pode estimulá-los. As duas situações ocorreram ao se deparar com as “novidades” da revolução verde, e as experiências individuais resultam em trajetórias diferentes de comportamento, assim, enquanto alguns indivíduos adaptaram sua forma de produção adotando tais tecnologias, outros veem casos de intoxicação e ficam relutantes a adoção e mantiveram sua forma tradicional de produção optando pelo não uso dos novos compostos químicos.

Por isso, nesta pesquisa, procurou-se tipificar os agricultores em dois grupos de acordo com as motivações que os levaram a iniciar com a produção de soja orgânica. O primeiro, e mais comum no início dos anos 90, é o fato do agricultor ter rejeitado a utilização de agrotóxicos em sua produção, facilitando uma transição para o orgânico, são os agricultores: 02-org; 03-org; 04-org; 06-conv; 07-conv; 09-conv. O segundo motivo é de agricultores que já haviam adotado a utilização do pacote tecnológico da Revolução Verde e se sentem motivados pela maior remuneração na produção orgânica, um fator que ativa uma mudança na forma de produção, são os agricultores: 01-org; 05-org; 08-conv; 10-conv.

É claro que a perspectiva de uma remuneração maior também teve influência sobre

o primeiro grupo como fica claro na fala anterior do agricultor 2, que afirma estar deixando de ganhar a bonificação. Os agricultores 1, 4 e 8 relatam que a bonificação era um dos motivos de vantagem da produção orgânica.

A fala do agricultor 7 também mostra que a partir da melhor remuneração se tem um maior cuidado com a lavoura, no sentido de que o pagamento era com o intuito de remunerar a maior força de trabalho empregada. A força de trabalho necessária para a produção varia em cada caso, o agricultor 2 mora sozinho e mesmo assim afirma dar conta de sua área de 10,8 hectares de soja, ressaltando ser o resultado de um cuidado constante com a área, não deixando sementar as plantas daninhas, sendo as plantas daninhas a principal preocupação na produção orgânica, e estando, no caso específico, sanadas, facilita a transição para a produção orgânica.

O agricultor 2 foi indicado por um vizinho, no período vários de seus vizinhos produziam de forma orgânica, praticamente toda a “linha”. Hoje somente ele ainda se mantém e o mesmo ocorre em outras comunidades do município.

Agricultor 6: No tempo da GAMA acho que nós comentemos, chegou a 80% dos produtor aqui. Aqui nessa linha.

Percebe-se que há diferentes trajetórias ligadas ao início da produção orgânica, cada uma resulta da situação em particular vivida pelo agricultor e da adaptação gradual do ponto de vista aceito anteriormente. Como afirma Veblen (1985, p. 109), as condições “herdadas do passado modelará essas instituições a sua própria semelhança”, cada agricultor com sua particularidade de força de trabalho, localização e conhecimento anterior.

A mudança de empresas e entrada de novas gerava bastante desconforto entre os funcionários da empresa, principalmente o

peçoal da assistência técnica. No entanto, para os agricultores, não era uma mudança brusca. Os agricultores 1 e 7 fazem confusão entre as empresas, para eles mudava somente o nome, pouco diferenciando o contexto de cada uma.

Como não há um pacote, a decisão de como produzir e quais os insumos a serem utilizados é uma mistura da experiência de anos anteriores, ou de práticas consolidadas para aquele agricultor (como por exemplo, a data de plantio e o revolvimento ou não do solo), da relação com outros produtores (prática relacionada mais ao início da produção quando havia grupos próximos) e da orientação da assistência técnica.

Agricultor 6: A assistência técnica vinha sim, daí a gente conversava, acho que ajudava muito. Também a gente tinha noção do valor que tava, se dava ou não. [...] nós conversava aqui, nós decidia.

Acostumados com a produção orgânica e esta forma de decisão, ao passar para a agricultura convencional, os agricultores 6 e 9 sentem dificuldade e ficaram dependentes da assistência técnica. A assistência técnica com o intuito de orientação e não de venda é uma vantagens da produção orgânica, no entanto a vantagem que é citada por todos os agricultores é a bonificação para o agricultor 4 devido ao prêmio, a agricultura orgânica sempre vai sobrar mais que a convencional.

Para o agricultor 9, a agricultura orgânica exige um nível maior de cuidados e de inter-relações como a presença de predadores naturais. Ao contrário da produção convencional, ela não possui um pacote tecnológico pronto para o manejo, há a necessidade de acompanhamento constante. Este fator e outros entraves do orgânico são explorados no item a seguir.

### 3.2 A MOTIVAÇÃO PARA O COMPORTAMENTO

A preocupação do agricultor 3 é com o futuro, são poucos os agricultores que estão se mantendo na produção orgânica e nenhum deles é jovem. O próprio agricultor pensa em parar com a produção, pois suas últimas safras amargaram perdas com a estiagem.

Enquanto o casal estiver dando conta dos cuidados da lavoura sem a contratação de força de trabalho eles se mantem, contudo a produção leiteira vem ganhando espaço na propriedade, o que demanda mais trabalho ainda e menos espaço para a soja. Este fato corrobora com a afirmação de Veblen, em que as instituições se mantem até o momento em que as circunstâncias obrigam a uma mudança. Enquanto o casal de agricultores consegue sozinho manter a lavoura eles continuaram na produção orgânica, a partir do momento em que houver a necessidade de contratação eles deixarão de ser orgânicos, mantidas as mesmas demandas de trabalho, ou seja, sem investimento em novas tecnologias adaptadas ao ambiente orgânico.

O agricultor 1 é um forte entusiasta da produção orgânica, acredita sim que a produção orgânica dá um pouco mais de serviço, mas não vê problema nisso, pois não se faz a utilização de agrotóxicos! Além de o menor custo quando comparado ao plantio convencional e a bonificação acarretam numa maior lucratividade. Com 55 anos e sua esposa com 50, há a contratação de força de trabalho para ajudar na limpeza da lavoura, eles pretendem continuar na produção orgânica, mas acreditam que no momento que não puderem mais trabalhar, e a filha tomar a gestão da propriedade, a produção não será mais orgânica.

O agricultor 4 também não conta com a sucessão para a produção orgânica. Ele narra que passou por grandes dificuldades e incentivou os filhos a seguirem profissões mais rentáveis que a agricultura, ele fez questão de afirmar que se mantém na produção orgânica não devido a renda, mas sim com a intenção de demonstrar, principalmente as gerações mais novas, que é possível produzir orgânico, que há alternativas além da convencional e que é possível preservar a natureza.

No caso do agricultor 3, não é a força de trabalho empregada o que o oprime, mas o fato de que enquanto ele está carpindo sob o sol, o vizinho já limpou a lavoura e está na sombra. Esta comparação é inevitável, eles citam alguns dos questionamentos feitos por seus vizinhos:

Agricultor 3: Tipo Assim, a gente é questionado devido a percentagem que a gente ganha acima só... as pessoas questionam que deveria ser bem acima...

Agricultora 5: Porque que não passa veneno na coisa assim fica mais fácil, porque que vocês estão cavocando nesse sol quente, não sei o que.

Embora os agricultores afirmem que os vizinhos não chegam a influenciar sua decisão em se manter ou ter deixado a produção orgânica, percebe-se na fala deles que os comentários causam desconforto, o que Hogdson e North chamariam de constrangimento. A instituição prevalecente é não ser orgânico, assim, o constrangimento de não estar no hábito prevalecente pode influenciar a decisão de parar, mesmo que não seja admitido de forma direta pelos produtores.

Para Veblen (1985), as instituições estão sempre em desacordo com as exigências atuais, pois foram elaboradas no passado e desse são herdadas. Esta afirmação pode ser

considerada ao de deparar com a forma como os agricultores enxergam o trabalho, vindo de uma geração em que a atividade na roça era braçal, esses agricultores não se sentem oprimidos pelo trabalho em si, ao contrário eles gostam de trabalhar:

Agricultor 2: Eu gosto de trabalhar. Fico nervoso quando não tem serviço.

Com 70 anos, o agricultor 2 é o mais velho entre os estudados e também o mais empenhado a trabalhar e com a maior gargalhada! Sendo o último a começar a comercializar sua produção como orgânica, em 2007, afirma nunca ter utilizado herbicidas para fazer a limpa das lavouras, além de não precisar contratar força de trabalho. Hoje, sozinho, ele capina os seus 10,8 hectares de soja.

Acometido de uma doença de pele, o agricultor 2 foi obrigado por ordem médica a não trabalhar sob o sol, passando a produção convencional em 2011. Durante o período que produziu convencional, ele fez questão de não usar transgênicos, a fim de voltar a produção orgânica quando melhorasse, ele manteve o contato com os técnicos da GEBANA e retornou 2 anos mais tarde com o mesmo entusiasmo anterior.

A vantagem econômica da produção orgânica sob a convencional já foi comprovada em trabalhos anteriores<sup>4</sup> e aparece nas vantagens e motivos de se manter na produção na maioria dos casos aliada a outros fatores.

Dois motivos bastante importantes são lembrados pelos agricultores 3 e 9. Primeiro que a agricultura não depende somente do manejo, mas também da natureza. Estiagem ou períodos longos de chuva ou uma chuva torrencial podem diminuir drasticamente a

produtividade de uma lavoura. Ademais na natureza o manejo também é importante, uma adubação adequada e condições para que a planta se desenvolva são essenciais para uma boa produção. De nada adianta o tempo correr bem se a planta não possui adubação e está no meio da “quiçaza”, ela estará competindo por luz e nutrientes e não se desenvolverá adequadamente.

Para o agricultor 6, os agricultores que saíram também vieram queda na rentabilidade, mesmo com a porcentagem acima que recebiam na produção orgânica não equivalia ao rendimento da produção convencional. Contudo, ele não concorda com tal afirmação e acredita que a produção orgânica tem maior renda que a convencional. O agricultor 6 foi o último a desistir do orgânico e agora com 2 anos de experiência na produção convencional acredita que o orgânico perde em produtividade, mas que a rentabilidade final ainda é maior que a plantação convencional.

Com pouca gente para ajudar na lavoura, eles optam por desistir da produção orgânica, passando a convencional não transgênica. Para a agricultora 6, a penosidade do trabalho era o maior empecilho. Para o agricultor 7, os elementos que obrigam a uma mudança de instituição são a penosidade, o avanço da idade e a dificuldade de encontrar força de trabalho contratada. Para o agricultor 8, a dificuldade da produção orgânica está na falta de tecnologias adaptadas, principalmente durante a limpa da lavoura. A saúde foi um ponto crucial para o agricultor 8, após uma crise de 15 dias com dor nas costas, sem poder trabalhar e sem conseguir contratar mão de obra ele deixa a produção e arrenda a área.

O agricultor 10 admite a dificuldade que tinha com a força de trabalho para a limpa, mas para ele o ponto crucial para

<sup>4</sup> Simonetti, Perondi e Challiol (2013) e Simonetti, Perondi e Villwock (2014).

desistir foi a erosão causada por uma chuva torrencial na área revolvida para o plantio. Novamente a falta de tecnologias é citada. O plantio direto é um grande avanço da agricultura brasileira e sem um método eficiente de controle de plantas daninhas pré-plantio fica difícil de adotá-lo na produção orgânica. O agricultor 10 se mantém disposto em produzir novamente caso sejam desenvolvidas mais tecnologias adaptadas à produção orgânica. Ou seja, o agricultor 10 vê vários empecilhos que acabam por obrigar a mudança de instituição, deixar a produção orgânica, e no momento que estes elementos cederem ele pode retornar a um hábito de vida anterior.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O comportamento dos entrevistados como agricultores e a forma de produzir é resultado de um hábito herdado, algo que se tornou uma prática natural. Esse hábito se mantém enraizado na geração presente (entrevistados), porém vai sendo reinventado pela nova geração (filhos dos entrevistados) e criando novos hábitos, dessa forma o hábito é modificado ou não se mantém com a mesma força anterior, e a consequência é que na maioria das unidades entrevistadas a sucessão na propriedade rural para um filho agricultor não irá ocorrer.

Entrar para a produção orgânica foi para todos os agricultores a manifestação deste hábito em comportamento, em alguns manter um hábito já adquirido, como os agricultores que não faziam uso de defensivos e adubos químicos. E, para outros, adaptar, como para os agricultores que já haviam se inserido na revolução verde, mas que com

pouco esforço (naquele momento) deixam de usar adubação química e herbicidas e conseguem passar para a produção orgânica.

Apesar da consciência ecológica e da preservação da natureza ser um fator relevante levantado pelos agricultores para se manterem na produção orgânica, a remuneração com certeza é, como afirmava Veblen, o fator mais contundente no reajustamento da instituição quando considerada a decisão de se tornar orgânico, contudo não tem o mesmo papel quando se analisa o outro lado, deixar de ser orgânico. Ou seja, há certa influência, mas nem sempre se realiza em comportamento.

Associada a limpa da lavoura está a necessidade de força de trabalho, e a penosidade do trabalho da produção orgânica. No começo da produção orgânica na região, a forma de produção era muito diferente da atual, trabalhar oito horas sob sol era uma atividade normal, algo enraizado. Contudo, a eficácia dos herbicidas e inseticidas, a consolidação do plantio direto mudou o hábito dos agricultores. Todas essas alterações diminuíram a penosidade do trabalho agrícola, tornando mais fácil sua execução e também mais ágil, em menos tempo era possível se obter o mesmo resultado e por vezes resultados melhores. O que antes era normal passa a ser considerado muito penoso.

A produção orgânica não conseguiu acompanhar essas mudanças e passou a se distanciar do considerado normal, do hábito predominante entre os agricultores. Ou como afirma Veblen (1985, p. 109), ocorre o que ele chama de “um processo de adaptação forçada dos indivíduos a um ambiente”, esse muda progressivamente devido ao desenvolvimento, neste caso de novas tecnologias e consequentemente dos hábitos de pensamento realizados

em comportamento, deixar de ser orgânico e passar a produção convencional.

Lorrenzzon (2014), em estudo realizado em Capanema com produtores orgânicos, corrobora com tal afirmação e percebeu que o conceito de trabalho destes agricultores vem da forma como foram ensinados, e o trabalho habitual realizado por eles pode ser considerado bastante pesado para “alguém que tenha a pouca idade e que somente tenha conhecido as atividades eminentemente urbano-industriais” (p. 194).

O constrangimento, citado por autores como North e Hogdson, que uma instituição cria ao ser legitimada pode ser percebido no estudo, não a partir da instituição de ser orgânico, mas imposto por aqueles que estão na instituição majoritária que é não ser orgânico, em suma, seus vizinhos. Esse constrangimento é percebido pelos produtores que ainda são orgânicos, mas também é citado por aqueles que já deixaram essa forma de produção.

Este fator pode não ser o elemento decisivo para a saída, mas junto com outros como a penosidade, o avanço da idade e a dificuldade de encontrar força de trabalho contratada, contribuem para a criação de um ambiente favorável a saída. São esses elementos que precisam ser analisados para uma nova aproximação dos agricultores com a produção orgânica.

A incrustação do hábito de ser orgânico, como afirma Silva (2010), quando o hábito é consagrado ele se torna “quase” inabalável e foge ao controle, ele é apenas reproduzido. A manutenção dos agricultores é um comportamento que está além do controle da empresa, e novas tecnologias precisam ser pensadas a fim de tornar a agricultura orgânica mais prática e atraente.

## REFERÊNCIAS

AGNE, Chaiane Leal. **Mudanças institucionais na agricultura familiar**: as políticas locais e as políticas públicas nas trajetórias das famílias nas atividades de processamento de alimentos no Rio Grande do Sul. 2014. 260 f. Tese (Doutorado em Desenvolvimento Rural) – Faculdade de Ciências Econômicas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2014.

BASTOS, Fernando; GOMES, Aldenôr. **Instituições na agricultura familiar**: ampliando a discussão sobre arranjo e ambiente institucional. Natal: Grupo de pesquisa IPODE. 2006. 20p. Texto de circulação interna.

BERGER, Peter L.; LUCKMANN, Thomas. **A construção social da realidade**: tratado de sociologia do conhecimento. 23. ed. Petrópolis: Vozes, 2003.

BRIGHENTI, Alexandre Magno; BRIGHENTI, Deodoro Magno. Controle de plantas daninhas em cultivos orgânicos de soja por meio de descarga elétrica. **Cienc. Rural**, Santa Maria, v. 39, n. 8, p. 2315-2319, nov. 2009. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-84782009000800007&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-84782009000800007&lng=en&nrm=iso). Acesso em: 7 jul. 2012.

CHAYANOV, A. V. **La organización de la unidad económica campesina**. Buenos Aires: Nueva Visión, (1925). 1974.

EHLERS, Eduardo Mazzaferro. **Agricultura sustentável**: origens e perspectivas de um novo paradigma. 2. ed. Guaíba: Agropecuária, 1999. 157p.

FRIEDMANN, H. Family enterprises in Agriculture: structural limits and political possibilities. In: COX, G.; LOWE, P.; WINTER, M. **Agriculture**: people and policies. London: Allen, 1986.

GEBANA. **Mercado Global de Agricultores**. Disponível em: <https://www.gebana.com/en/>. Acesso em: 12 abr. 2014.

GODOY, Arilda Schmidt. Pesquisa qualitativa: tipos fundamentais. **Revista de Administração de Empresas**, São Paulo, v. 35,

n. 3, jun. 1995. Disponível em [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0034-75901995000300004&lng=pt&nr=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-75901995000300004&lng=pt&nr=iso). Acesso em: 13 jul. 2010.

HAMERSCHMIDT, Iniberto. Panorama da Agricultura Orgânica no Paraná. **Planeta Orgânico**, Curitiba, 2 mar. 2006. Disponível em: <http://planetaorganico.com.br/site/index.php/panorama-da-agricultura-organica-no-parana/>. Acesso em: 8 maio 2013.

HODGSON, Geoffroy M. **Economia e Instituições**: manifesto por uma economia institucionalista moderna. Oeiras: Celta, 1994.

HODGSON, Geoffroy M. What Are Institutions? **Journal of Economic Issues**, v. 40, n. 1, p. 1-25, mar. 2006. Disponível em: <http://www.geoffrey-hodgson.info/user/image/whatareinstitutions.pdf>. Acesso em: 1 ago. 2013.

HOWARD, Albert Sir. **Um testamento agrícola**. 2. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2012. 360 p.

KIYOTA, N. **Agricultura familiar e suas estratégias de comercialização**: um estudo de caso no município de Capanema. Lavras, 1999. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Lavras, Lavras, 1999.

LADISLAU, Decio Escobar Oliveira. Capanema, maior produtor orgânico do Brasil. **Blog mundo orgânico**. Criciúma, SC, 14 set. 2010. Disponível em: <http://mundoorgnico.blogspot.com.br/2010/09/capanemamaior-produtor-organico-do.html>. Acesso em: 1 abr. 2012.

LAZIER, H. **Análise histórica da posse da terra no sudoeste paranaense**. Curitiba: Biblioteca Pública do Paraná; Secretaria de Estado da Cultura e do Esporte, 1986. 194p.

LIMA, A. J. P. *et al.* **Administração da unidade de produção familiar**: modalidades de trabalho com agricultores. Ijuí: UNIJUÍ, 1995.

LIMA, Douglas Miranda; MARQUES, Pedro Valentim. Produtos orgânicos: um mercado em expansão. *In*: CONGRESSO DA

SOCIEDADE BRASILEIRA DE ECONOMIA E SOCIOLOGIA RURAL - SOBER, 39., 2001, Recife. **Anais...** Brasília, DF: SOBER, 2001.

LORENZZON, Gabriella Suzana. **Saúde mental e trabalho: Um estudo com agricultores orgânicos no sudoeste do Paraná.** 2014. 107 f. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Regional) – Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional, Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Pato Branco, 2014.

MARTINS, J. de S. **Os camponeses e a política no Brasil.** 4. ed. Petrópolis: Vozes, 1990. 132p.

MINAYO, M. S. (org.) **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade.** 14. ed. Petrópolis: Vozes, 1999.

NORTH, Douglass C. **Custos de Transação, instituições e desempenho econômico.** 3. ed. Rio de Janeiro: Instituto Liberal. 2006. 38p. (Série Ensaios e Artigos).

PERONDI, M. A.; SIMONETTI, D.; VILLWOCK, A. P. S.; TERNOSKI, S. **Diagnóstico e perspectivas da participação dos agricultores interceptados pela Linha de Transmissão (ATE VII) no Projeto Rural Solar.** Pato Branco: UTFPR, 2013. 47p.

PUTNAM, Robert D. **Comunidade e Democracia: a experiência da Itália moderna.** Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996. p. 173-194.

SILVA, V. L. Fundamentos do institucionalismo na teoria social de Thorstein Veblen. **Política e Sociedade**, v. 9, n. 17, p. 289-323, 2010.

SIMONETTI, Danieli; PERONDI, Miguel A.; CHALLIOL, Marcio. Estudo comparativo da rentabilidade de sistemas de produção com soja orgânica e não orgânica em unidade de produção agrícola. *In: CONGRESSO DA SOCIEDADE BRASILEIRA DE ECONOMIA,*

ADMINISTRAÇÃO E SOCIOLOGIA RURAL- SOBER, 51., 2013, Belém, PA. **Anais [...]** Belém, PA, 2013.

SIMONETTI, Danieli; PERONDI, Miguel A.; VILLWOCK, Ana Paula S. A rentabilidade do soja orgânico comparada com os sistemas convencional e transgênico no ano agrícola 2012/2013. *In*: CONGRESSO DA SOCIEDADE BRASILEIRA DE ECONOMIA,

ADMINISTRAÇÃO E SOCIOLOGIA E RURAL - SOBER, 52., 2014, Goiânia, Go. **Anais [...]** Goiânia, Go, 2014.

TERRAZZAN, Priscila; VALARINI, Pedro José. Situação do mercado de produtos orgânicos e as formas de comercialização no Brasil. **Informações Econômicas**, São Paulo, v. 39, n. 11, nov. 2009. Disponível em: <http://www.ciorganico.agr.br/wp-content/uploads/2012/08/tec3-1109.pdf>. Acesso em: 20 jun. 2013.

VEBLEN, Thorstein. **A teoria da classe ociosa**: um estudo econômico das instituições. Tradução de Olívia Krahenbuhl. 2. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1985. 214p. (Os Pensadores).

VEIGA, José E. da. **O desenvolvimento agrícola**: uma visão histórica. São Paulo: USP; Hucitec, 1991. (Estudos rurais, 11).

WOORTMANN, E. F. O saber camponês: práticas ecológicas tradicionais e inovações. *In*: GODOI, E. P. de; MENEZES, M. A. de; MARIN, R. A. (org.). **Diversidade do campesinato**: expressões e categorias: estratégias de reprodução social. v. 2. São Paulo: Editora UNESP, 2009.

YIN, Robert K. **Estudo de caso**: planejamento e métodos. 2. ed. Porto Alegre: Bookman, 2001. 196p.